

## QUARTAS DE CHORO: UMA EXPERIÊNCIA MUSICAL CONTEMPORÂNEA A PARTIR DE PERCEPÇÕES SENSÍVEIS

GARGIONI, Marcus Mattos Portella<sup>1</sup>; CORREA, Mariela Cardoso<sup>2</sup>; VELLOSO, Rafael Henrique Soares<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [marcusmattosgargioni@gmail.com](mailto:marcusmattosgargioni@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [marielacarcarr@gmail.com](mailto:marielacarcarr@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rafavelloso@gmail.com](mailto:rafavelloso@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a pesquisa de campo realizada por dois estudantes de pós-graduação em Artes da UFPEL (Marcus Gargioni e Mariela Cardoso) cujo o objetivo é compreender o choro de uma perspectiva mais ampla, buscando compreender as estratégias utilizadas pelos músicos neste contexto, estratégias estas que se relacionam de forma indireta com o objetivo da pesquisa que é compreender como as relações sociais se estabelecem através da música, e como elas afetam os diferentes contextos de performance. Mais especificamente buscamos compreender, como propõe LAPLANTINE em seu Livro A Descrição Etnográfica (2004) [1943], em que consiste a transformação do olhar, (ou da escuta) na linguagem, e quais as relações entre as realidades sociais observadas e as realidades textuais produzidas.

Unindo assim, junto aos cadernos de campo realizados pelos mesmos, a percepção de um dos músicos que compõe a roda de choro, acompanhado da contextualização bibliográfica de LAPLANTINE (2004) e TURINO (1999). Através da etnografia realizada no próprio campo, e da entrevista semiestruturada, com base na perspectiva da história oral, podemos instigar a percepção sensível dos estudantes que por meio da pesquisa objetivam compreender o contexto do choro na cidade de pelotas, precisamente, a roda realizado nas noites de quarta feiras, no Boteco do Franconi. Trata-se, da contextualização do espaço, participantes, espectadores e da cultura que permeia tais fragmentos.

### 2. METODOLOGIA

A base metodológica é feita em cima dos cadernos de campos de Marcus e Mariela mais a entrevista realizada com o músico organizador do evento Pedro Nogueira. A pesquisa teve início em uma noite de março de 2023, onde Marcus e Mariela puderam observar o contexto e a performance do grupo de choro “O Regional Vai-e-Vem” no bar Franconi. Posteriormente foi marcado uma entrevista com o músico supracitado como uma forma de complementar os cadernos de campo. Com base nestes três relatos demos início a descrição etnográfica, a partir das propostas de Laplantine e dos questionamentos de Turino (1999) sobre a necessidade de discutirmos a dialética entre a teoria e a prática, observando os diversos níveis de significados contextuais presentes em um mesmo episódio, observado por diferentes pesquisadores, de diferentes áreas de pesquisa da especialização em Artes da UFPEL. As descrições apresentadas buscam propor uma etnografia da sensibilidade musical, aos moldes do texto de CARVALHO (1999), como uma descrição leve, a partir dos diários de campo de cada observador, tal como propõe o antropólogo, entendidos como expressões das

reações, soltas e abertas, ao impacto que causam as experiências musicais a que estes observadores foram submetidos (Carvalho, 1999).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em meio a contextualizações sobre o espaço físico, ao lermos os diários de campo podemos viajar brevemente para esse lugar onde a arte por meio do choro se dá. Na narrativa de Mariela, o espaço pequeno está com todos os assentos ocupados pelo público e alguns deles são músicos que provavelmente darão “canja” em algum momento da noite. “Canja” é um termo utilizado neste local para classificar os músicos ou simpatizantes que estão ali para compor a mesa de choro em um e/ou outro número musical, e que de alguma forma, participam cantando ou tocando e depois retomam para o papel de espectador. Segue a descrição:

Vemos um bar pequeno com dois andares, na parte inferior um canto para os músicos com as cadeiras, som e uma TV tocando samba (um aquecimento para o público). As mesas estão todas cheias, percebe-se que há alguns músicos entre o público que provavelmente vão dar canja. Com alguns desses elementos, músicos que não fazem parte do grupo principal e a maioria dos instrumentos soando acusticamente, é perceptível que haverá uma performance participativa. (Mariela)

Para Marcus, ainda que descreve alguns detalhes do local físico, detalha minuciosamente a roda de choro, instrumentos e músicos. Cada pesquisador trouxe suas próprias percepções e sensações únicas para a pesquisa de campo, enriquecendo a compreensão da experiência musical e social, suas observações abrangeram não apenas os aspectos visuais e auditivos, mas também as respostas emocionais e sociais à performance musical e ao ambiente. Nota-se que a banda ainda não estava completa com quatro músicos (dois cavaquinhos, pandeiro e tamborim), pois há um instrumento importante ausente, logo em seguida, chegou o músico responsável pelo violão de 7 cordas. A partir desse momento, os demais pareceram se conectar melhor e se sentiram mais motivados, resultando em um som mais intenso e participativo.

Começa a primeira música, com 2 cavaquinhos, pandeiro e tamborim, a formação não está completa, mas não há problema em começar com um instrumento faltante, todos tocam alegremente. No meio da apresentação chega o músico do violão de 7 cordas, ele chega e se senta direto a tocar, empolgação no olhar e nas expressões faciais de todos os músicos na roda. Após uma breve afinação do violão, ele inicia a tocar, o grupo todo começa a tocar com mais empolgação e mais “volume”. Ao fim da primeira música todo bar aplaude, começou a noite do choro. (Marcus)

Para ambos pesquisadores a percepção sobre o maior engajamento do público é imediata quando a roda se inicia, deixando o ambiente com um clima mais interativo, pois alguns passam a cantarolar, outros começam a balançar até que as primeiras pessoas começam de fato a dançar. A diversão ali se faz presente dentro e fora da roda, pois os músicos transmitem um contentamento. Pedro o entrevistado complementa as perspectivas dos interlocutores relatando que a noite do choro reverbera na cultura da cidade, ele destaca a importância da roda de choro:

Com certeza é muito importante, é até de se dizer que é algo decisivo para a cultura do choro da cidade. Às vezes a pessoa vai lá nos ver e daí depois fala: poxa, que legal, eu tenho um violão parado lá em casa faz 30 anos eu gostaria de tocar e tal. Sempre falamos, tem oficinas de choro nas segundas-feiras, é tal horário é só ir, e a pessoa vai. Acontece seguido isso. Na roda do mercado tem gente que aparece também, a gente tá sempre fazendo essa fomentação, as pessoas vão para a oficina, aprendem, voltam para a roda, e é um ciclo, é muito importante. (Nogueira)

Deste modo temos três pontos de vista diferentes sobre a mesma experiência musical e social sobre a roda de choro. É possível chegar em um consenso que a roda é de grande importância cultural para a cidade de Pelotas.

#### 4. CONCLUSÕES

A pesquisa de campo realizada no Bar Franconi, proporcionou um olhar profundo e sensível sobre a música e suas relações sociais. Através da abordagem etnográfica, os pesquisadores puderam observar as nuances e complexidades das interações musicais nesse contexto específico. O bar, foi descrito, desde a decoração e a disposição das mesas até a atmosfera descontraída e acolhedora que envolvia músicos e público. As diferentes perspectivas dos estudantes nos confere uma diversidade de sensações e escutas sobre o mesmo espaço. Mariela se atentou ao espaço físico do estabelecimento, das disposições das mesas e da música que estava tocando na televisão. Já Marcus, destacou o relacionamento musical dos integrantes do grupo, seus gestos e sinais referentes à música. Percebemos que mesmo os dois pesquisadores estarem no mesmo espaço e expostos a mesma performance musical (Turino), cada um é afetado e sensibilizado de uma forma única. Podemos contar também, com a entrevista realizada com Pedro, participante ativo da roda de choro, no qual fornece perspectiva complementar sobre a importância do choro no local. Ele relata a importância de se ter um espaço que funciona semanalmente para fomentar a roda de choro na cidade e servir de vivência para os integrantes da oficina do Clube do Choro. Assim, a partir do estudo etnográfico realizado nesse contexto, podemos concluir que a música desempenha um papel essencial na formação e na transformação das realidades sociais, tecendo laços entre as pessoas, proporcionando um espaço de expressão e convívio.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Jorge de. Transformações da sensibilidade musical contemporânea. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 5, n. 11, p. 53-91, out. 1999

LAPLANTINE, François, [1943]. A descrição etnográfica. [tradução João Manuel Ribeiro Coelho e Sérgio Coelho]. São Paulo: Terceira Margem, 2004

TURINO, Thomas. Estrutura, Contexto e Estratégia na etnografia musical. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 5, n. 11, 13-28, outubro de 1999.